

● Nacional

POLÍTICA ECONÔMICA

Diniz apostava na recuperação

por José Casado
de São Paulo

O grupo Pão de Açúcar decidiu investir cerca de Cr\$ 5 bilhões em 1982. Isso representa uma expansão de 25% sobre o seu nível de investimento neste exercício e vai redundar na criação de, pelo menos, cinco mil novos empregos diretos, a partir do aumento expressivo do número de lojas e supermercados em todo o País (190 até dezembro próximo).

A princípio, a notícia de tal investimento pode ser vista como um fato normal nos 33 anos de história desse grupo privado, que tem procurado manter uma "per-

formance" de líder do seu setor — no ano passado, realizou vendas globais de Cr\$ 84,3 bilhões e contabilizou aumento de 185% no seu lucro operacional.

Mas é mais do que uma simples expansão: há uma "decisão política de investir", como diz Abílio dos Santos Diniz, 43 anos, diretor-superintendente do grupo. Uma decisão que equivale a uma aposta na recuperação econômica, no próximo ano.

Diniz, que também é membro do Conselho Monetário Nacional (CMN), gastou os últimos dois dias em prolongadas conversas com o ministro da Fazenda, Ernane Galvães, e com o pre-

sidente do Banco Central, Carlos Geraldo Langoni. E delas saiu convencido de que "o governo está acertando sua pontaria para estimular o crescimento econômico no próximo ano".

"NÃO TEMOS DOIS CAMINHOS"

Um dos poucos empresários privados que, até agora, definiu planos de substancial expansão dos seus investimentos em 1982, Diniz sente-se "muito à vontade" para falar sobre sua aposta. "No começo deste ano, quando resolvemos investir Cr\$ 4 bilhões, alertei para o fato de que o País caminhava para uma recessão e recebi muitas críticas, na época", lembra. "Agora,

está muito claro: a recessão se instalou e não temos dois caminhos; temos é que sair do meio-termo e partir para o crescimento efetivo."

Ele entende que o governo cometeu um erro de cálculo, por dois anos seguidos: "Em 1980 programou-se uma expansão econômica moderada, e o nosso crescimento foi de 8,5%. Neste ano, esboçou-se um arrefecimento geral e, na melhor das hipóteses, fecharemos o ano com um crescimento zero".

Considera, porém, que já existem nítidos sintomas de reaquecimento da economia. Cita a expansão da base monetária (63,4% em setembro e, na sua previsão, próximo de 70% em novembro) como indicador de um aumento de liquidez, "o que por si só já reaquece". Outro fato que ressalta: a expansão do crédito total ao setor privado passou, nos períodos janeiro-julho e janeiro-agosto, a crescer a uma taxa maior do que em 1980.

"O crescimento acumulado do crédito total em 1981 é praticamente igual ao da inflação acumulada no mesmo período — 62,7% para o crédito e 62,9% para a inflação. A situação é totalmente distinta para o mesmo período em 1980, quando ocorreu uma expansão acumulada de crédito de 46,3%, para uma inflação acumu-

lada de 62,3%, no período janeiro-agosto", afirma. Na sua opinião, este talvez seja um dos fatores mais importantes para explicar a queda nos índices de protestos, concordatas e falências neste ano, em relação ao ano passado. "E note-se que o governo está fazendo isso sem perder o controle da situação", diz.

OS "AJUSTES"

Para 1982, no entanto, Diniz acha que o governo terá de fazer alguns "ajustes": "Parece-me que já existe, no governo, consciência sobre a necessidade de se formular mais claramente planos de médio e de longo prazos, e discuti-los com o empresariado. Ao mesmo tempo, há necessidade de se restabelecer a confiança dos empresários no investimento, e, aí, a componente fundamental é a taxa de juros, que pode ser positiva, mas apenas ligeiramente".

Ele acredita que o governo está "propenso" a não apenas retomar e redirecionar seus investimentos, no próximo ano, como também deve promover uma desvinculação do custo interno do dinheiro das flutuações do mercado internacional. "A pontaria é para o crescimento em 1982. Resta torcer para que eles não erram, como aconteceu nos últimos dois anos", conclui.